

Ministro descarta ajuda do Fundo para acerto financeiro nos EUA

BRASÍLIA — O Governo brasileiro não pedirá, em qualquer hipótese, o apoio do Fundo Monetário Internacional (FMI) para obter um acordo com os bancos credores, informou ontem o Ministro da Fazenda, Dilson Funaro. Segundo ele, quando o programa econômico estiver em execução, o Governo apresentará ao FMI dados de acompanhamento, o que não significa um pedido de aval para a negociação com os bancos.

Explicou que este “sinal verde” do Fundo não será necessário por três razões: o Brasil tem pago pontualmente, os juros da dívida externa; tem uma posição tranqüila em relação às suas reservas internacionais; e adotará um bom programa econômico. Segundo Funaro, o Diretor-Gerente do FMI, Jacques de Larosière, já disse durante o encontro que tiveram no fim de semana, em Washington, que o Brasil está liberado deste tipo de aval.

No princípio de dezembro, o Presidente do Banco Central, Fernão Braçcher, viajará para os Estados Unidos a fim de iniciar as negociações com os bancos credores para prorrogar, novamente, por seis meses a dois anos, o acordo com os bancos, que vence no dia 17 de janeiro.

Funaro revelou que, por enquanto, o Governo não espera firmar qual-

quer acordo plurianual para a renegociação da dívida externa, que vence deste ano até 91. Ele comentou estar havendo muitas mudanças na área externa e o Brasil vai aguardar melhores condições. Por isso, acha impróprio assinar agora um acordo com os bancos com prazo de 16 anos.

O Ministro disse que nos três meses de sua gestão muita coisa já mudou. Em seu primeiro contato com os bancos credores, por exemplo, relatou que eles queriam, de qualquer forma, que o Brasil firmasse um acordo com o Fundo, para depois voltar a negociar. Agora, contudo, recebeu do Secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker III, total apoio à posição brasileira de manter o crescimento econômico, que este ano ficará entre seis e sete por cento.

Nos encontros que teve com Baker e com o Diretor-Gerente do Fundo Monetário, Funaro mostrou a preocupação do Governo brasileiro com relação aos altos juros cobrados pelos bancos americanos, que, descontada a inflação dos EUA, estão em cinco por cento.

Além dos juros, poderão dificultar um bom desempenho da economia brasileira nos próximos anos o elevado protecionismo americano e o mercado de petróleo.